

VI ENCONTRO DE PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:

Sexualidade, família e complicações psicológicas (Caso concluído)

Psicóloga: Lara Beatriz Fuck

CRP 12/01342

O trabalho está concluído e foi realizado em termos interdisciplinares, com a participação dos seguintes profissionais: Psicóloga Ana Cláudia de Souza, CRP 12/01567, em articulação com os profissionais: padre José Edgar de Oliveira e filósofo Pedro Bertolino. Sendo eu, Lara Beatriz Fuck, CRP 12/01342, psicóloga titular do caso.

Todos os nomes e elementos que permitissem a identificação da paciente ou de sua família foram trocados, sem prejuízo para a ancoragem empírico-científica das ocorrências. E a paciente assinou autorização para a comunicação deste caso, nos termos em que está aqui exposto, encontrando-se tal documento com registro em cartório em poder da psicóloga responsável.

1. Evolução Progressiva pelo Cogito Pessoal:

Helena, 31 anos, casada há 10 anos com Inácio, 33 anos, profissionais, com graduação, atuando em suas áreas de formação, com dois filhos com idade entre três e cinco anos. Praticantes e atuantes da religião católica e de Movimento de Grupo de Famílias.

Helena e Inácio compartilhavam o cotidiano com seus filhos, planejando a educação dos mesmos. O marido era mais envolvido e participativo com os filhos, o que ela desejava, mas nem sempre conseguia.

Inácio a apoiava na sua profissão, se Helena precisava fazer horas-extras, trabalhar nos finais de semana, ele cuidava dos filhos e da casa, além de incentiva-la em suas iniciativas de crescimento profissional.

Inácio insinuava o desejo de relação sexual, em várias situações durante a semana e Helena ficava irritada, dizia que estava cansada, ou que precisava tomar qualquer providência a respeito dos filhos ou da casa. Ela entrava na relação sexual na exigência de cumprir uma tarefa. No ato sexual, ocorria o prazer sexual do qual ela se descartava, fazendo a elaboração reflexiva cúmplice de que jamais conseguiria viabilizar-se

sexualmente com o marido, porque ele tinha ejaculação precoce, que ela havia cumprido sua obrigação, e estaria dispensada por alguns dias desta tarefa.

Inácio sugeriria algumas iniciativas para envolve-la: como, assistirem filmes eróticos, irem ao motel. Ela ficava atraída para a sexualidade, mas não revelava. Não expressava a excitação sexual que tinha ao assistir o filme erótico. Também não deixava transparecer quando determinada iniciativa dele lhe provocava prazer sexual, nem tomava iniciativas para objetivar o que lhe era excitante. Ao final da relação sexual, a apropriação que fazia sempre era a de que havia cumprido sua obrigação, que o marido não lhe proporcionava satisfação sexual, inclusive cobrava dele a mesma, relacionando ao problema de ejaculação precoce, lançando-o na insegurança e na ansiedade relativamente a leva-la a realização sexual.

Inácio no desejo de que Helena se viabilizasse na sexualidade, sem conseguir compreender o que acontecia, concluía que o problema era a ejaculação precoce. Ele consultou médico especialista que esclareceu que não havia nenhum problema anatômico ou fisiológico, restando a possibilidade de problemas psicológicos. Inácio no desejo de viabilizar a relação amorosa e a sexualidade com Helena, se dispôs a participar do processo psicoterapêutico, quando a esposa nos procurou para psicoterapia.

Inácio imaginava situações eróticas com Helena. Muitas vezes já pela manhã, estava na antecipação da relação sexual que poderia ocorrer logo mais à noite. De algum modo demonstrava, através de um carinho, um comentário, ou alguma mensagem ou telefonema. Helena ficava à distância, se perguntando se naquele dia teria ou não que cumprir a sua obrigação, ou se teria alguma justificativa plausível para adia-la. Quando fazia alguns dias que se esquivava, sabia que sua recusa o incomodaria e o irritaria. Então, ficava certo que ocorreria. À noite, quando retornava do trabalho: colocava os filhos para dormir e organizava o que era necessário. Constatava que o marido estava atraído sexualmente, no entanto, ela sempre ficava no horizonte de quem iria para a relação sexual por obrigação, pois ele era o seu marido. No ato sexual, ele tomava mais iniciativas, excitava-se, vindo a ejacular. Quando ele ejaculava, ela não tomava nenhuma iniciativa para continuar. Contrariamente, brigava com o marido, por ele ter ejaculado muito rápido, e conseqüentemente não a ter levado ao orgasmo. Inácio ficava extremamente chateado consigo mesmo, sem condições para continuar a relação sexual.

Helena tinha muito medo de que a sua saída para a satisfação sexual estivesse na homossexualidade: na sua infância havia passado por uma série de brincadeiras sexuais com uma amiga, nas quais ocorrera o prazer sexual. Estas brincadeiras haviam sido interrompidas pela outra menina, e desde lá não tinha tranqüilidade na presença dela: evitava olhá-la, ou encontrá-la em um ambiente em que estivessem a sós por antecipar que poderia atrair-se sexualmente. No entanto, não ocorria atração ou excitação sexual nem pela amiga, nem por outra mulher. E ao antecipar-se numa relação amorosa homossexual, tinha repulsa.

Quando passava uma mulher com um corpo bonito ou, vestida com roupa mais provocante ou sensual, atraía o olhar de Helena: desejava ser atraente e fazer-se uma mulher sensual. Ela confundia essa atração por atração sexual, o que a levava ainda mais à reflexão de que poderia ser homossexual.

Helena tinha insegurança quanto a não ter prazer na heterossexualidade. Nos namoros anteriores, ela encontrou dificuldades equivalentes àsquelas encontradas com o marido. Aos 16 anos teve o primeiro namorado com quem avançou mais em termos de intimidade sexual. Mário lhe presenteava com roupas sensuais e decotadas: ela não as usava, por constrangimento. Na ocasião de uma festa, trocavam carícias mais íntimas: estava solta e envolvida, até o momento em que Mario pegou a sua mão para que tocasse o pênis, ela se apavorou e saiu correndo do local. Namoraram por mais um período: era atraída e excitava-se, mas continha-se: tinha medo de perder a virgindade, tornar-se uma mulher vulgar, perante a sua família, sobretudo os seus pais, e a sociedade de modo geral. Após os encontros com Mário, não tinha tranqüilidade em olhar para os pais, mesmo que eles não soubessem.

Os pais de Helena eram praticantes da religião católica e tinham parentes próximos de ordem religiosa. Para ambos, o fato dela não estar realizada sexualmente no casamento jamais seria motivo suficiente para uma separação. Desde a adolescência de Helena, sua mãe dizia expressamente que a sexualidade era uma obrigação que a mulher tinha por cumprir no casamento, e que ela própria, jamais tivera prazer ou satisfação na sexualidade.

Helena tinha um constrangimento muito grande em se objetivar perante seus pais com sua feminilidade e sexualidade. Embora estivesse casada com Inácio, jamais trocara um beijo diante de seus pais, nunca tivera uma relação sexual na casa dos mesmos, e não

conseguia desmentir para sua mãe, que não havia casado virgem. Algumas vezes, sua mãe comentava com orgulho que a filha casara virgem: ela ficava calada e constrangida.

Helena não conseguia conviver com a sua sexualidade perante aqueles junto aos quais praticava a religião, e perante Deus. Conforme o que havia apreendido, ser uma mulher digna e íntegra, excluía a sexualidade. Então para poder soltar-se para a sexualidade tinha a necessidade psicofísica de excluir a possibilidade de crença em Deus.

Na sua infância, era comum, a separação entre as meninas e os meninos e cuidados quando as meninas estavam misturadas com os meninos, havendo implicitamente ou expressamente uma preocupação com a sexualidade. Cuidados inexistentes quando as brincadeiras eram apenas entre meninas, ou entre meninos.

Nas situações nas quais Helena esteve envolvida com meninos, sempre vieram seguidas de censura e reprovação pelos pais: certa vez, Helena trocou um beijo de estalinho com um colega na escola, a professora contou para seu pai, que a censurou. Noutra ocasião, ela seguiu um amigo até o banheiro, o pai a viu, e a repreendeu.

As brincadeiras sexuais com a amiga se repetiram várias vezes. Ocorreu uma situação na qual outra amiga as viu trocando um beijo, e contou à avó de Helena. Helena ficou com medo que sua avó contasse para a mãe, mas a avó não tomou nenhuma atitude.

Na adolescência, constrangia-se em usar roupas mais insinuantes perante seus pais, sem que fossem necessários comentários diretos, pois sabia que eram condenáveis certos comportamentos e atitudes, pelos comentários referentes às outras mulheres.

Seus irmãos assistiam a filmes eróticos, e quando todos saíam de casa, Helena os assistia escondida. Numa situação os pais voltaram antes da hora prevista, quando o pai abriu a porta, ela desligava o vídeo e a TV, mas ele não lhe disse nada. Helena constatava o constrangimento do pai em tratar de assuntos relativos a sexualidade. Numa ocasião em que o surpreendeu com roupas íntimas, ele rapidamente fechou a porta do quarto.

Da parte de sua mãe, a sexualidade era tematizada sob os matizes da necessidade de preservar-se, casar virgem, a falta de prazer na sexualidade, e como o prazer era desnecessário. Quando menstruou, quem conversou com Helena a respeito do assunto, foi uma conhecida da família pertencente a uma ordem religiosa.

A primeira relação sexual ocorreu com Inácio, após quase um ano de namoro: estava segura de que casariam. Nesta situação, estava bastante tensa, sentiu muita dor, e ele não

conseguiu penetra-la. Depois desta primeira tentativa, saiam aos finais de semana com o objetivo de ter uma relação sexual.

Enquanto suas amigas compartilhavam que mantinham relação sexual com seus namorados, Helena sempre ficava calada, apreensiva perante a possibilidade de aparecer que também mantinha relação com Inácio, e isso pudesse chegar aos ouvidos de seus pais.

Durante o namoro Inácio expressava o desejo de casar e o desejo sexual, revelando, que tinha sonhos eróticos. Helena ficava atraída e excitada, mas descartava, mentindo para si mesma, quando efetivamente eram excitantes sexualmente as revelações de sonhos e imaginário erótico de Inácio.

2. Fechamento do Cogito Pessoal

1. Aos 6 anos trocou um beijo de estalinho com um colega na escola. Pai a censurou perante outras pessoas. Helena ficou no constrangimento.
2. Aos 9/10 anos brincadeiras sexuais com uma amiga.
3. Aos 10 anos situação na qual outra amiga as viu trocando um beijo, e contou para avó: medo de que sua avó contasse para a mãe, mas nada ocorreu.
4. Aos 10 anos, seguiu um amigo até o banheiro. Pai a repreendeu. Helena ficou no constrangimento.
5. Aos 11 anos viu uma de suas tias nuas: contou para a sua mãe, que a censurou.
6. Aos 11 anos, um parente contou para a mãe que a viu com o namoradinho de mãos dadas: mãe a censurou.
7. Aos 11 anos, na rua havia um cachorro tentando engatar-se numa cadela, ela comentou “*que grandão, imagina quando ele enfiar na cadela!*”: sua mãe lhe deu um tapa na boca.
8. Aos 12 anos, na praia, Helena, sentiu umas picadinhas na sua vagina: olhou para um homem, e estava claro que havia sido ele, mas era como se não quisesse acreditar. Helena saiu da água, via que ele ficava olhando. Ficou perto da sua mãe, mas não lhe falou nada.
9. Aos 12/13 anos pararam as brincadeiras sexuais pela iniciativa da amiga. Numa ocasião convidou a amiga para brincar e ela não quis.
10. Aos 13 anos numa ocasião ela maquiou-se: sua mãe exigiu que retirasse a maquiagem.
11. Aos 14/15 anos lembrava das brincadeiras com a amiga: ficava apavorada perante a possibilidade de gostar de mulher e não de um homem.

12. Aos 15 anos, é surpreendida pelos pais, abraçada com o namorado em um ambiente público, e censurada.

13. Aos 16 anos, uma amiga, 16 anos, contava sobre suas experiências com os garotos, que tinha tesão e ficava excitada. Helena evitava olhar para a amiga, quando estava vestida com um biquíni, ou quando trocava de roupa: tinha medo de ficar atraída e excitada e desejava conseguir ser como a amiga: envolver-se com os namorados, usar roupas mais ousadas.

14. Aos 16 anos primeiro namorado com intimidade sexual: ao mesmo tempo em que era atraída e excitava-se, continha-se, tinha medo de perder a virgindade, tornar-se uma mulher vulgar perante seus pais. Após os encontros com Mário, não tinha tranquilidade em olhar para os pais, mesmo que eles não desconfiassem ou censurassem.

Neste processo a paciente fechou o cogito num saber de ser confuso para a sexualidade, vacilando reflexivamente entre a homossexualidade e a heterossexualidade, porém, numa repressão expressa para os prazeres sexuais por função da moral fechada e repressiva de seu sociológico familiar.

3. Compreensão psicoterapêutica:

Helena tinha medo da espontaneidade no prazer, que a levaria a mostrar-se para o Inácio irreversivelmente como uma mulher que desejava o prazer sexual. Esse impasse desdobrava da gênese da personalidade, pelo contexto antropológico e sociológico. Não estava necessariamente ligado a nenhum episódio especial com o pai e a mãe: ela ficou submetida às forças de uma atmosfera, armada pelo pai e a mãe, quanto ao ser mulher séria ou honesta, mãe, esposa e companheira. Essa atmosfera foi tal que ficou objetivado para ela, que jamais ela caberia nas expectativas do pai e da mãe, se permitisse o prazer sexual expresso como mulher. As ocorrências que armaram e compuseram essa atmosfera, envolvem desde as recomendações da mãe, como manter a virgindade, não permitir que ela se maquiasse, censura-la quando questionou a respeito dos motivos pelos quais não trocava de roupa diante dela, entre outras iniciativas e acontecimentos, como providências no sentido de omitir ou calar conversas sobre sexualidade, prazer sexual, como também desqualificação de mulheres que por ventura tenham-se entregue ao prazer, e se tornou publico, caso de mulheres descobertas com amantes, moças que engravidaram solteiras,

tudo isso armavam atmosferas tal que ela ficou prisioneira no saber de ser aquela que não poderia se soltar para o prazer sexual, sob pena de não ser reconhecida como filha.

Além disso, Inácio e Helena foram recebidos dentro dessa atmosfera, de casamento e da exclusão da sexualidade, e do prazer sexual. O próprio casamento ocorreu numa atmosfera em que casar era ir para uma missão, de mãe, companheira, mais jamais aquela de ser mulher. Exatamente o modelo que a mãe de Helena assinalava e onde a mesma não deixou transparecer jamais que tinha prazer sexual na relação com o marido. Essa mãe se fez modelo de mulher, de mãe, portanto para preencher esse modelo, Helena não poderia se permitir prazer na sexualidade.

A atmosfera lá da gênese se atualizava no cotidiano atual: visto que objetivamente, Inácio coube como o modelo de marido adequado com quem o pai e a mãe de Helena contavam conveniente para ela, e isso garantido pela perspectiva religiosa. Esse componente religioso foi que pôs os limites da sexualidade no casamento, vindo através do pai e da mãe, alcançar o próprio Inácio enquanto ele era o marido abençoado pelos pais de Helena.

Então havia uma contradição de atmosferas: a atmosfera em que Helena se movia como mãe, companheira, religiosa, profissional, filha, irmã, e na contradição disso a Helena que se admitiria, se explicitaria no prazer sexual. Perante o próprio marido, Helena se experimentava na antecipação psicofísica perante os pais, visto que Inácio, foi o marido abençoado, reconhecido e admirado por eles. Deste modo já diante de Inácio, Helena temia se desmoralizar, não perante ele homem e companheiro e pais de seus filhos, mas marido-modelo que atendia as expectativas de sua mãe e de seu pai. Por isso quando ela estava chegando ao máximo de excitação ela não conseguia, porque perante Inácio ela iria aparecer à filha que não estava correspondendo às expectativas dos pais. Por consequência o que ela não suportava mesmo era chegar no dia seguinte perante os pais, com Inácio junto tendo compartilhado com ele o prazer sexual. Ela até podia ter o prazer, mas sempre tinha que passar para ele, mesmo que, na menor possibilidade de convence-lo, a impressão de que continuava sendo a filha que estava dentro das expectativas dos pais. Por isso que ela não podia admitir-se declaradamente no prazer com ele, porque perante o marido ela não caberia nas expectativas dos pais, e se não coubesse perante o marido seria desqualificada perante o próprio marido.

Quando Helena ia para a excitação máxima, ela se experimentava numa atmosfera absolutamente contraditória à atmosfera na qual ela sempre se experimentou filha de seu pai e de sua mãe. Em outros termos ser mulher para ela não passava por Inácio como homem, mas como modelo de marido, posto ali ao lado dela, por autorização e aposta dos pais. O casamento deles foi posto dentro da atmosfera do casamento dos pais de Helena, dentro do qual não havia prazer de sua mãe e conseqüentemente não cabia o prazer dela, Helena. Assim, Helena admitindo expressamente o prazer para Inácio, não iria mais conseguir experimentar-se a filha, ao lado do marido e perante ele. Fazendo o silêncio, ela deixava sempre uma porta aberta para escapar: poderia dizer que não gostou, que era só para satisfaze-lo, que era porque ele queria. Ela não temia que o marido fosse falar, fosse separar dela, ela sabia perfeitamente, que se fosse isso o casamento já teria se desmontado. Era o desmonte do casamento conforme as expectativas do pai e da mãe que traria o desmonte da filha, segundo o saber de ser dela que ela não suportava.

E não corresponder à filha conforme as expectativas dos pais equivalia a não corresponder à mulher conforme o modelo religioso, e colocar-se em interdição com Deus. Conforme a formação religiosa da paciente, Deus jamais reconheceria uma mulher caso ela admitisse o prazer. Ela estava sempre jogando na má-fé, ou seja, tentando mentir para si mesma, que não tinha prazer ou possibilidade de prazer na relação amorosa com o marido. Ela jogava de má-fé por toda essa implicação com o sociológico, com a religião e com a relação com Deus.

Helena não conseguia conviver com a possibilidade da sexualidade, por isso ela não conseguia desenvolver um imaginário erótico, quer dizer, uma antecipação virtual do erótico. Se ela não conseguia isso, muito possivelmente, embora o marido pegasse filmes eróticos, e ela gostasse, ficava travada para entrar na espontaneidade. Depois no momento de ocorrer à apropriação, ficava entre os dois, como uma permissividade, e este caráter de permissividade aumentava a emoção, levando Inácio à ejaculação precoce, no sentido de ejacular mais rápido.

Ela entrava na relação sexual com o marido, como tudo já tendo acontecido, quer dizer, já se apropriava antes de acontecer. Então já ia protegida dentro de uma apropriação reflexiva que ela já fazia. Nunca o saber de ser dela era enriquecido pela experiência que acontecia. Já se apropriava antes, jogava a má-fé antes *“ele é meu marido, é permitido,*

etc.”, já colocava tudo dentro de um quadro de expectativa onde as coisas iriam acontecer e o imaginário erótico não acontecia, tudo era racional. Ir para a relação sexual com o marido era racional, e ela não deixava que ocorresse o imaginário erótico, o virtual.

4. Planejamento para Intervenção:

- 1) Verificação do fenômeno ou varredura do antropológico
- 2) **Linha da sexualidade: objetivar o contexto antropológico, os episódios antropológicos e os episódios sociológicos.**
- 3) **Sessões articuladas, em conjunto ou individuais com a paciente e o marido para:**
 - a) **Localiza-los da efetiva complicação psicológica da paciente** esclarecendo-os do processo possível para a superação do mesmo.
 - b) **Localiza-los como não havia um problema de ejaculação precoce:** mas de movimento na relação sexual, o qual se relacionava a ausência de imaginário erótico e dificuldade da paciente em entrar em antecipação psicofísica.
- 4) **Localiza-la como o problema estava no desenvolvimento da personalidade,** pelo contexto sociológico de gênese da paciente.
- 5) **Localiza-la entre a divisão entre ser, no conjunto de perfis e a inclusão da sexualidade.**

5. Intervenção realizada

- 1) **Através da varredura do antropológico** a paciente foi se localizando de que a falta de realização na sexualidade, não era gerada pelo desempenho sexual do marido, mas por função de sua dinâmica psicofísica, falta de imaginário erótico, como com qualquer homem entraria neste mesmo impasse, e a suposta saída pela separação, seria o caminho para maiores complicações, inviabilizando-a como filha, mulher, mãe e esposa.
- 2) **Nas sessões realizadas com a paciente e seu marido,** eles foram levados a ultrapassar a intuição empírica a respeito do problema, ou seja, tomando fatos isolados, como a ejaculação do marido. Localizados quanto ao processo que envolve a sexualidade, desde a antecipação psicofísica até a apropriação psicofísica.

3) Localizada da diferença da situação de antecipação psicofísica e de expectativa: distinguindo situações nas quais ela entrou em situação de antecipação psicofísica, daquelas onde ela entrava na antecipação e posteriormente a convertia em expectativa.

4) Localização da paciente quanto à função sociológica de sua mãe, objetivando o movimento administrativo próprio de seu contexto familiar de origem e a função do mesmo na sua complicação psicológica, desde a gênese da personalidade, distinguindo o social e o sociológico, até a situação atual, na qual ela reproduzia o movimento de sua mãe na relação com o marido e seus filhos.

Desta localização, a paciente constatou como o movimento dos seus pais era administrativo, como seus pais a convocavam a ser administrativa, como ela também era administrativa; como marido não se movia administrativamente. Em desdobramento, compartilhar mais opiniões e posições com o marido e ocorreu conseqüente esforço da paciente em se modificar nas suas diversas relações.

A paciente se localizou como o seu movimento quanto à sexualidade, estava ligado ao modo como sua mãe abordava o tema. Pela primeira vez a paciente teve relação sexual com o marido na casa dos pais.

5) Localização da paciente sobre o mecanismo do imaginário hipnagógico, detalhando a função noético-noemática dos objetos, em específico a função da amiga com quem se envolveu nas brincadeiras sexuais na infância. Localizando-a de como o saber de ser de lá tinha função na sua situação atual, servindo apenas de elemento como reflexões cúmplices em que ela se escondia para não se admitir mulher heterossexual e inteira com o seu marido. A partir dessa localização, a paciente passou a ter outra condição psicofísica de se mover relativamente à amiga, e constatou que efetivamente não havia desejo ou projeto de ser homossexual.

6) Localização no modelo de atmosfera humana, como ocorreram situações e oportunidades dela se lançar numa relação sexual com o marido: como ela entrou nesta atmosfera, mas num dado momento se derrotou, e a homossexualidade veio como refugio, ou seja, como o que ela se dizia a respeito de não conseguir ir. E que o que não a permitia se soltar não era a homossexualidade, mas, toda a sua formação referente à sexualidade.

A paciente ganhou uma distancia psicofísica quanto às possibilidades sócio-históricas de ser para os seus pais, e para ela, seu marido e seus filhos. Isso a tirou do plano

moral, da mágoa ou ressentimento com os pais, vindo a se localizar que hoje ela tem outras possibilidades para ser mãe, esposa, filha, irmã, profissional, inclusive por ter a mediação do marido que tem outro movimento que seus pais, que permaneceram em seu sociológico com toda a função viabilizadora, menos, porém a repressão sexual equivocada.

7) Localizamos entre a divisão entre ser no conjunto de perfis recuperando um episódio psicofísico na relação com o marido, objetivando a função noemática do marido, passando pelo pai e mãe dela, obstaculizando-a quanto a conseguir admitir-se com o prazer perante o marido.

A paciente se localizou de como nunca coube ao plano do saber de ser, compartilhar a sexualidade e o prazer sexual com o marido, desdobrando deste compartilhamento à realização sexual. Como perante a antecipação de viabilizar a sexualidade, o marido se desmontava como aquele com quem faria o sexo por obrigação, e conseqüentemente conforme a expectativa do pai e da mãe, e dentro da expectativa dela própria, conforme aprendeu com seus pais, e como isso estava vinculada a atmosfera religiosa na qual aprendeu as possibilidades de ser esposa, mãe, companheira, sem ser mulher ou sexualizada.

8) Realizados procedimentos para a superação da divisão em que a paciente entrou ao plano de saber de ser entre Deus e a sexualidade. A complicação sexual de Helena dentro do casamento estava remetida a moral estreita da família quanto à sexualidade, e essa moral estava remetida a uma prática religiosa bastante intensa, dentro deste contexto, no seu desespero a paciente chegou a ver-se dividida entre a possibilidade do prazer sexual e sua prática religiosa, chegando a buscar maneiras de duvidar da própria existência de Deus. Assim, ao invés de encontrar solução, agravava muito mais ainda o seu problema por conseqüência de sua formação religiosa, e da função que Deus tinha e continua tendo na integralidade do seu ser, para todos os perfis. Por isso fez-se necessário buscar a reconciliação da paciente com Deus, através de encontro com ministro de sua religião, a quem foi relatado todo o problema, de modo a concilia-la com sua fé religiosa sem que isto a privasse de ser mulher com seu companheiro, com ele mãe de seus filhos, filha de seus pais, e assim por diante. No caso, esta relação com Deus acabava alicerçando todo o impasse da paciente tanto na sexualidade como no casamento, ou relação amorosa, assim como hoje alicerça sua viabilização para todos os perfis.

a) Primeiro a paciente foi localizada de como a relação com Deus e com a religião, ocorrência do plano antropológico, precisava ser resolvida através da religião da qual ela era praticante, por um ministro religioso, e no desdobramento viriam às conseqüências psicológicas, que seriam trabalhadas na psicoterapia. Para que a paciente compreendesse como ocorreria de ir ao ministro religioso, e isso não consistiria em uma intervenção psicológica, mas antropológica, havendo desdobramento para a parte psicológica.

b) Preparado um relatório com o histórico da relação da paciente com a religião, e viabilizada conversa com um ministro religioso para resolver o problema de sua relação com Deus e com a religião, articulada pela psicoterapia.

9) Trabalhamos a relação da paciente com a filha, pelo fato da paciente não conseguir se envolver com a mesma quanto a questões de estudos, por função do seu saber de ser relativamente às mulheres quanto as possibilidades intelectuais, que tem relação com as possibilidades postas pelos seus pais para ela própria, em contrapartida aquelas colocadas para seus irmãos no contexto antropológico de gênese, atualizado nas atitudes de seus pais na relação com os netos.

10) Trabalhamos as possibilidades da paciente envolver-se com a educação sexual de sua filha, dando-lhe possibilidade de viabilizar-se, sem ficar dupla (ou seja, a sexualidade possível para ela, e recortada moralmente para sua filha), o que teria função na sua própria sexualidade com o marido.

11) Totalização do processo psicoterapêutico: recuperando a situação da paciente ao início do processo, e localizando a paciente e o marido de como estão sociologizados e como isso que faz a grande diferença, e vai fazer a grande diferença para os filhos deles.

6. Resultados

1) Helena vem se viabilizando nos seus diversos perfis, incluindo a sexualidade e a religiosidade, sem que ocorra cisão ou divisão psicofísica. A sexualidade passou a ocorrer com mais freqüência, sendo que ela estava conseguindo ficar mais espontânea, dizendo ao marido o que desejava, obtendo mais prazer, sem entrar na relação por obrigação, e vindo a ser provocada para futuras relações sexuais, numa atmosfera de compartilhamento de imaginário erótico.

2) Helena constata a função de mediação fundamental que Inácio tem na realização de seu projeto e desejo de ser: através dele pode viabilizar-se: mãe, filha, amiga, companheira, profissional e mulher na sexualidade. *“Estamos bem viabilizados, não tem nenhum empecilho, estamos antecipando, imaginando, fantasiando conjuntamente, viabilizando plenamente a sexualidade com ele. Além de todo o envolvimento dele com a família, ele é totalmente “nós”, coloca os filhos e a esposa acima de qualquer coisa, tem suas atividades, seus amigos, mas o que é decisivo é a família, ser pai, o que é constatado pelos filhos, pelos amigos dos filhos, e isso é algo que me viabiliza como mãe, começa com a sexualidade, passa pelo ser pai, que tem compatibilidade com o meu desejo de ser mãe”.*

3) A paciente transcendeu o movimento de satélite, ou circular uniforme, em torno de seu sociológico de origem, que correspondia a paciente não conseguir ao plano do saber de ser se objetivar com outras possibilidades de ser mulher, mãe, filha, religiosa, profissional, que aquelas postas pelos seus pais. A transcendência desse movimento circular uniforme, para a órbita de planeta, corresponde, a paciente se localizar e se mover no seu campo de possibilidades antropológicas e sociológicas atuais, nas quais suas possibilidades de ser mãe, mulher, religiosa, filha são muito mais abrangentes do que aquelas postas pelo seu sociológico de origem.

4) Ela atualmente estabelece uma relação de alteridade e reciprocidade com os pais, localizada das suas possibilidades psicofísicas: sabe que eles têm certas possibilidades de conviver com a sexualidade, estabelecem uma determinada relação com a religião, movem-se eventualmente administrativamente com os filhos e os netos. Mas, a paciente está localizada como de acordo com o seu próprio movimento, seus pais alteram os deles, conforme obviamente as possibilidades dos mesmos.

5) Neste sistema solar, constituído por ela, seu companheiro e filhos, os últimos vêm desenvolvendo suas personalidades, em condições completamente distintas daquelas em que a paciente desenvolveu a sua: ela e o marido se relacionam com os filhos na direção de leva-los a desenvolver limites por dentro, consequência de ser, sem recortar religião e sexualidade. Destacando-se que já pela atmosfera que se arma no contexto sociológico, os filhos se sabem filhos de pais, cuja vida sexual faz parte e que é realizadora de ambos, como acontecimento regular e próprio de um casal, sem, que ocorra vulgarização da mesma.

Assim um caso que de começo veio com a queixa de ejaculação precoce da parte do marido evidenciou-se como consistindo no impasse psicofísico da esposa para a sexualidade, em consequência da gênese de sua personalidade em atmosferas religiosas de moral estreita demais, e a estava levando inclusive para litígio com Deus e complicando-a na sua própria vida religiosa, bem como, nos seus demais perfis para objetivação nas relações do seu cotidiano: fosse no interior do sociológico familiar, fosse no exterior do mesmo, inclusive no trabalho.

O caso está concluído: com a paciente em plena realização de seu projeto e desejo de ser sem obstáculos e/ou mutilações. Isto como os benefícios psicológicos óbvios para seu companheiro, bem como para seus filhos, e inclusive para o sociológico de gênese, mesmo para sua vida e prática religiosa.